

## Memória e trajetória de Karina Littig Santos.

Pensar o passado. Relembrar momentos vividos na escola. Esse foi um exercício e tanto. Pensei e repensei o que escrever. Então lá vai: desde que me entendo por gente e até os meus vinte anos, meu pai trabalhou como madeireiro em diversas áreas: comprador, administrador, vendedor. E por essa razão rodou esse Brasil inteiro levando a família junto: minha mãe, eu e meus dois irmãos. Moramos em muitos Estados diferentes: MA, PA, MT, SP, PR, ES, RO. Conseqüentemente, estudei em diversas escolas. Muitas vezes começava o ano em uma e terminava em outra totalmente diferente, inclusive de um Estado diferente. Sempre fui uma aluna mediana. Não criei raízes, laços com colegas e professores, dados tantas mudanças. Não era a melhor, nem a pior aluna. Nem bonita, nem feia. Era alta, mas não tinha a idade da minha altura. E, aliás, a não ser pela altura, passava meio que despercebida. Mas, esse “meio despercebida” logo, logo, se foi, pois comecei a participar de desfiles de moda aos 12 anos. Não ganhava dinheiro, mas ganhávamos roupas. E isso já era muito bom!

Comecei a trabalhar num estabelecimento comercial - uma casa lotérica - aos 14 anos de idade. Nesta época morávamos em Cacoal – RO e claro, não tinha carteira de trabalho. Lembro que nesse período estava terminando a 8ª série e sempre que ia embora passava em frente a um banco e pensava: “um dia vou trabalhar aí”. Dessa maneira escolhi fazer o curso de ensino médio com formação em administração. Após um processo seletivo, consegui uma vaga na Fundação Bradesco. Porém para minha grande tristeza, meu pai, com suas andanças, nos levou para uma cidade do interior de São Paulo, e lá não havia esse curso. Então terminei o ensino médio, digamos “normal”. Depois disso um longo tempo se passou: reprovações em vestibular, mudanças de trabalho, cidade... Mas sempre trabalhando e me capacitação em minha área de atuação: vendas.

E aconteceu que aos 24 anos de idade, fui “mãe solteira”, de meu filho Lucas. Após a licença maternidade, optei por deixá-lo em uma creche, pois precisa retornar ao meu trabalho (trabalhava como consultora de vendas de automóveis). Nos primeiros aninhos ele ficou em uma creche. A partir dos três anos, o meu filho passou a frequentar a Universidade Infantil. E foi nessa escola onde o meu interesse pela pedagogia começou a fazer meus olhos brilharem, pois observava o lindo trabalho

da proprietária da escola e sua equipe. Apesar dos 16 anos atuando como vendedora, nunca senti uma satisfação profissional. Resolvi tentar o vestibular da UFES e estava confiante apesar de não estudar a muitos anos. E para a minha felicidade passei. Estudar na UFES foi algo a princípio utópico. E ao mesmo tempo algo que me enchia o ego. Formei-me em dezembro de 2015 e de lá pra cá, consegui uma colocação profissional e sou professora regente de uma turma de 4º ano em uma escola da rede privada. Fiz uma pós graduação em Alfabetização e Letramento, pela Unisudeste, porém foi algo muito “raso”. Fiz pela necessidade de possuir uma pós-graduação e ter alguma chance no espaço público (ainda não conquistado).

Após um ano e meio de minha colação de grau, e agora nesta pós-graduação, para esta disciplina “Trabalho e Educação”, minha expectativa é poder entender melhor essa relação do mercado de trabalho e o perfil dos alunos que as escolas técnicas têm formado, além também, de conhecer como os professores desta área têm encarado o seu trabalho, em vista a especificidade da EPT.